

José Claudinei Lombardi  
Marcos Lima  
(Orgs.)

EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO:  
AS REVOLUÇÕES NOS SÉCULOS XIX E XX  
E AS POSSIBILIDADES DE UMA NOVA EDUCAÇÃO

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações  
2020



# XII

## EDUCAÇÃO CUBANA: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL\*

*Crislaine Matozinhos Silva Modesto*

*Clarivaldo Silva Brito*

### **Introdução**

A temática “formação humana integral” tem sido norteadora das discussões relacionadas à educação. Assim sendo, acreditamos que políticas públicas asseguradas pelo Estado que contemplem, através da educação, uma formação plena, precisam ser implementadas. O período histórico da Revolução Cubana, com suas lutas e triunfos, tem muito a contribuir neste debate, visto que a concepção dos cubanos referente à educação é considerada como “pedra angular” para a formação humanística. Para tanto, adotamos uma abordagem qualitativa, com a revisão bibliográfica trazendo em pauta os percursos históricos.

Desta forma, iniciamos a discussão com a definição do termo revolução, que tem diferentes significados, e segundo o dicionário filosófico Abbagnano: “revolução é a violenta e rápida destruição de um regime político ou a mudança radical de qualquer situação cultural” (ABBAGNANO, 2003, p. 858–859). Para Dermeval Saviani “etimologicamente a palavra “revolução” deriva do verbo “revolver”, que significa revirar, colocar o que estava em baixo para cima ou vice-versa” (SAVIANI, 2017, p. 54). Por que o termo revolução caracteriza a violenta destruição de um regime político? E por que o ato de revolver exige a intervenção de agentes que intervêm no processo provocando a reviravolta?

---

\*DOI – 10.29388/978-65-86678-06-2-f.289-304

Para compreender o significado da Revolução cubana é relevante levar em conta alguns elementos históricos: tanto os que antecederam como os posteriores ao 1º de janeiro de 1959. Para isso,

A Revolução Cubana foi a resposta do povo às contradições criadas na sociedade pelo modelo neocolonial imposto pelos EUA. No plano político, a expressão desse modelo era a ditadura de Batista; no econômico, o subdesenvolvimento; no social, o desemprego de 20% (junto com um elevado índice de subemprego); no internacional, a ausência de uma política exterior independente; e no cultural, uma crescente crise de identidade nacional, penetrada pelas imagens do *american way of live*, apesar da existência de uma “cultura de resistência” (LÓPEZ SEGRERA, 2012, p. 27).

Pode ser adepto ou não da Revolução Cubana, mas uma coisa não se há de negar: o povo cubano tem uma rica história de luta contra agentes dominadores estrangeiros e locais. Cuba, o mais ocidental dos países caribenhos, localizado entre o Golfo do México e o Mar do Caribe, vizinhando com os Estados Unidos e o Atlântico Norte, sempre atraiu a cobiça das potências mundiais em virtude de sua posição geográfica estratégica e a riqueza de suas matérias primas. Espanha, Estados Unidos e URSS, principalmente, em sucessivos momentos nesses cinco séculos e de modos diferentes, impuseram uma pesada dominação sobre a Ilha caribenha. Esta sofreu as condições de colônia de Espanha, neocolônia dos Estados Unidos, com largo histórico de conflitos e hostilidades ainda presentes, e aliada dependente da URSS (LÓPEZ SEGRERA, 2012, p. 13–14).

Um antecedente histórico que vale a pena ser observado está relacionado ao processo tardio de independência da ilha.

[...] Cuba e Porto Rico ainda permaneceram como colônias espanholas até 1895, quando teve início a guerra independentista liderada por José Martí. Visando a resguardar seus interesses geopolíticos na região do Caribe e retomando certos princípios da Doutrina Monroe, os Estados Unidos intervieram no conflito em 1898 ao lado dos cubanos, impondo uma rápida derrota às forças espanholas e es-

tabelecendo uma junta de militares formal em 1901 (CARVALHO, 2009, p. 57).

Percebe-se que tal “independência” foi mais uma estratégia anexionista dos Estados Unidos, pois ao “ajudarem” Cuba, impuseram a aprovação de uma emenda à Constituição, a Emenda Platt:

[...] O expirar do século XIX foi marcado pela Guerra Hispano-Americana. Com o fim das hostilidades, a chamada Emenda Platt oficializou o direito a novas intervenções militares e autorizava o governo dos Estados Unidos a arrendar terras necessárias às bases navais. Foi assim que a Baía de Guantánamo ficou sob o controle estrangeiro até os dias de hoje. Em 1898, o poder militar norte-americano interveio em Cuba, impondo aos insurgentes uma amarga experiência (LEITE, 2014, p. 5).

A Emenda Platt atribuía aos Estados Unidos o direito irrestrito de intervenção e controle total sobre a política externa de Cuba. Essa emenda dava também aos norte-americanos o direito de manter em território cubano uma base militar na região oriental de Guantánamo.

[...] Tal relação neocolonial imposta ao país caribenho pela potência norte-americana marcaria profundamente os acontecimentos seguintes da história econômica e social cubana, bem como as relações de interdependência entre os dois países mantidas durante as décadas anteriores à deflagração do processo revolucionário (CARVALHO, 2009, p. 57).

Com o intuito de manter seus interesses econômicos em Cuba, os norte-americanos patrocinaram vários governos submissos e ditatoriais durante a primeira metade do século XX. “Um deles, Fulgêncio Batista – um oficial do exército cubano –, após ter sido derrotado na eleição presidencial de 1952, deu um golpe militar e retomou o poder que já havia ocupado alguns anos antes, instaurando em Cuba uma nova ditadura” (CARVALHO, 2009, p. 58). Diante dessa situação de

novo golpe militar, alguns grupos planejaram alternativas insurreccionais para tomar o poder das mãos de Batista. Em um desses grupos estava o advogado Fidel Castro. “Pode-se afirmar que tais circunstâncias históricas geraram os ingredientes que favoreciam, em seu devido tempo, o amadurecimento de uma alternativa radical de rompimento com um modelo já esgotado de regime que mesclava autoritarismo e neocolonialismo” (Idem).

A revolução teve início com um grupo de insurretos que, em 26 de julho de 1953, promoveu um ataque ao Quartel Moncada, objetivando a tomada de armas para dar início à luta revolucionária contra Fulgêncio Batista. Essa ação falhou e em conjunto com alguns combatentes que sobreviveram, Fidel Castro foi preso.

[...] Julgado a 15 anos de prisão, foi anistiado em 1955 – após dois anos detido –, quando seguiu para o exílio no México. Dessa forma, o assalto ao Quartel Moncada foi transformado num símbolo, provocando uma grande reação da ditadura, tendo logo construído por Fidel, o Movimento 26 de Julho (CARVALHO, 2009, p. 60).

No México, Fidel organizou um grupo que planejou e preparou um desembarque militar em Cuba. Logo que chegaram à ilha, os combatentes foram surpreendidos por fortes ataques das tropas militares de Batista. “Os 12 sobreviventes – entre eles Raul Castro e Che Guevara – se refugiaram na Sierra Maestra, de onde passariam nos anos seguintes a organizar uma guerrilha rural, dando início, assim, a uma terceira etapa da luta pela tomada do poder” (Idem).

Paulatinamente esse pequeno grupo de guerrilheiros organizou “territórios livres” na Sierra Maestra.

Logo após uma fracassada greve geral em 1958, organizada pelos seus opositores, Batista ordenou o início de uma violenta ofensiva final, mobilizando mais de 10 mil soldados bem armados em direção à Sierra Maestra com o propósito de exterminar a guerrilha. Depois de quase três meses de combate, tal contingente foi derrotado pelos cer-

ca de 300 guerrilheiros (CARVALHO, 2009, p. 62).

Fulgêncio Batista, percebendo a iminente derrota que decorria do avanço da guerrilha e da perda de apoio dos Estados Unidos, renunciou ao governo, fugindo para a República Dominicana, no dia 1º de janeiro de 1959. Observa-se que esse foi o dia em que os guerrilheiros liderados por Fidel e Che Guevara tomaram a capital Havana, diante da rendição do exército do ditador Fulgêncio Batista.

Em 1º de janeiro de 1959, a Revolução cubana comandada por Fidel Castro, derrubou a ditadura de Batista e iniciou o difícil caminho da descolonização. Junto com o socialismo (1961), instaurou-se em Cuba um novo ordenamento geopolítico e com ele surgiram novas e ingentes dificuldades. Cuba ficou isolada do resto do mundo, apenas integrada ao sistema soviético enquanto este perdurou (LÓPEZ SEGRERA, 2012, p. 15).

Mesmo com muitas dificuldades, e novos desafios, os cubanos nunca perderam seu nacionalismo, e a esperança de construção de uma sociedade mais justa, edificada sobre um dos valores mais importantes: a liberdade.

Assim, mesmo diante das mais fortes adversidades, Cuba completou seus primeiros anos revolucionários com a proposta de construção do socialismo. Extremamente inserida e favorecida pela planificação econômica do bloco socialista – o intercâmbio comercial com a comunidade socialista – o intercâmbio comercial com a comunidade socialista chegou ao índice de 75% nas décadas seguintes –, internamente buscou consolidar paulatinamente a edificação de uma nova sociedade econômica e social, com destaque para os campos da educação e da saúde, fato reconhecido até mesmo pelos mais ferrenhos inimigos do socialismo (LÓPEZ SEGRERA, 2012, p. 66).

Marco Antonio da Silva faz uma rigorosa análise sobre o regime adotado em Cuba após 1º de janeiro de 1959:

Quando se trata de analisar o regime adotado em Cuba pós-1959, algo que chama a atenção é a necessidade de compreender a natureza do socialismo adotado no país. As análises produzidas nos anos iniciais, entre elas a de Florestan Fernandes e outras, e reafirmadas por Ernesto Che Guevara e também pelo clássico de Régis Debray: “Revolução na Revolução”, são marcadas pelo extremo otimismo em relação a construção do socialismo no país e procuram destacar os elementos inovadores do socialismo cubano, entre elas, a intensa mobilização popular, a construção de um aparato administrativo, a importância da liderança de Fidel Castro e sua percepção e capacidade de agir politicamente, a crença de que Cuba poderia representar o primeiro passo no movimento revolucionário mais amplo e profundo no Terceiro Mundo, principalmente na América Latina e África (SILVA, 2006, p. 36–37).

Nessa data, os EUA e o mundo foram surpreendidos pela tomada do poder em Cuba por um pequeno grupo de guerrilheiros. Nesse sentido, é relevante salientar que a revolução ocorrida em Cuba encheu de esperança as vidas de milhares de homens e mulheres daquela pequena ilha caribenha, que viviam subjugados por governos oligárquicos e pró-imperialistas. Veja o testemunho de Fidel:

Era uma vez uma república. Tinha sua constituição, suas leis, suas liberdades; presidente, congresso, tribunais; todo mundo podia se reunir, organizar-se, falar e escrever com inteira liberdade. O governo não satisfazia o povo, mas o povo podia mudá-lo e só faltavam uns dias para que o fizesse. Existia uma opinião pública respeitada e acatada, e todos os problemas coletivos eram discutidos livremente [...] Uma manhã a cidadania despertou estremecida; nas sombras da noite os aspectos do passado tinham se conjurado enquanto ela dormia, e agora a tinham agarrada pelas mãos, pelos pés e pescoço. Aquelas garras eram conhecidas, aquelas gargantas, aquelas foices de morte, aquelas botas [...] Não, não era um pesadelo, tratava-se da triste e terrível realidade: um homem chamado Fulgêncio Batista acabava de cometer o crime que ninguém esperava (CASTRO, 1986,

p. 8).

Fidel também denunciava os problemas sociais e estabelecia as medidas que seriam executadas por este movimento. Em relação aos problemas, denunciava entre outros, as péssimas condições de vida dos camponeses, a distribuição desigual das terras, com mais da metade nas mãos de estrangeiros, os problemas de habitação e dos aluguéis, o desemprego que chegava a um milhão de pessoas, no período de entressafra, numa população de cinco milhões de habitantes.

Sem dúvida, uma das maiores vitórias de Cuba foi a erradicação do analfabetismo. “Em 1961, o país se livra do analfabetismo e entra em um ritmo crescente de desenvolvimento educacional e social (saúde, cultura, esportes). Um elemento importante que ajudou nas conquistas dessas melhorias foi o trabalho voluntário e comunitário” (DURÃES; MATA, 2009, p. 138).

Devido a um longo período de exploração pelos espanhóis e, posteriormente, pelos norte-americanos, Cuba trazia consigo uma péssima herança: “[...] era um país sem um sistema escolarizado, onde apenas uma parte ínfima da população recebia algum ensino nos centros urbanos da época” (LEITE, 2015, p. 6).

Portanto, o processo revolucionário que resultou vitorioso em Cuba em 1959 aconteceu em um contexto histórico de crescente desenvolvimento das lutas de um grupo de guerrilheiros liderado pelo jovem advogado Fidel Castro, seu irmão Raul e Che Guevara. Esses três revolucionários sonharam com um país livre das garras dos exploradores e sempre lutaram para que Cuba fosse uma nação culta que valorizasse a educação universal, gratuita e laica, e para isso, se inspiraram numa frase de Martí: “*un pueblo de hombres educados será siempre un pueblo de hombres libres*” (MARTÍ, 1975, p. 375).



## O pleno desenvolvimento humano como ângulo da sociedade cubana

A educação é um tema em destaque em todos os países; alguns com seus avanços e outros com seus retrocessos. É a ferramenta que coloca o indivíduo em campo de disputa e na luta para a emancipação humana. Ressaltamos o pensamento de José Martí: Ser culto é o único modo de ser livre (MARTÍ, 1961). Diante das dificuldades e das atrocidades acometidas no tempo histórico corroboradas neste texto, destacamos a concepção dos cubanos referente à educação, sendo esta a “pedra angular” para formação humanística. Porquanto, sendo um compromisso vital que tem o Estado para com a sociedade, esse preceito se cumpre porque existe uma estreita coordenação entre as políticas e estratégias que o país formula para o desenvolvimento educacional, assim como o avanço econômico e social que esse demanda (LÓPEZ, 2011).

Conforme Maria do Carmo Luiz Caldas Leite, professora da Universidade Católica de Santos, estudiosa e apaixonada por Cuba, dentre os processos históricos e educativos,

[...] entender a singularidade do processo é necessário ter em conta as condições políticas, econômicas e sociais de Cuba na primeira metade do século XX, que determinaram a evolução das ideias socialistas e seu entrelaçamento com a tradição patriótica do século XIX. A herança do neocolonialismo predatório impôs a unidade, como estratégia política. **Como caráter prioritário de defesa, recorreu-se à educação para a construção de uma nova sociedade, porque as transformações pedagógicas, em suas complexidades, representavam a desagregação de antigas concepções oriundas dos contextos anteriores.** A necessidade de construir um novo referencial hegemônico, em contraposição às forças do passado, fez da educação e da revolução processos mutuamente inclusivos, numa complexa dialética, capaz de contemplar, simultaneamente, concepções vindas do alto, devido ao caráter das alianças nos primeiros anos e à sua faceta vanguardista, na pressão vinda de baixo e na apropriação popular do processo

revolucionário (LEITE, 2015, p. 16, grifo nosso).

Na educação cubana a formação do homem foi concebida como resultado de um conjunto de atividades organizadas de modo sistemático e coerente, permitindo o atuar consciente. Focou-se a formação numa perspectiva humanística que considera que o homem se educa durante toda a vida, sob a influência de toda a sociedade, dentro da qual a escola ocupa um lugar central.

Com isso, percebemos que “a busca do homem novo” esteve atrelada ao objetivo fundamental da Revolução Cubana: “o pleno desenvolvimento humano” (LEITE, 2014, p. 323). Consideremos, ainda, o termo ou o adjetivo *pleno ou plenus lat.*, o qual tem por significado, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss: “estado que está completo, inteiro ou cheio”. Neste diapasão, o substantivo masculino “*desenvolvimento*” tem por definição a “passagem gradual (da capacidade ou possibilidade) de um estágio inferior a um estágio maior, superior, mais aperfeiçoado, para expansão ou progresso”. E por fim, o *humano* em que no dicionário Houaiss denota relativo à natureza do homem.

Tratando do conceito *pleno desenvolvimento humano* oriundo dos estudos da UNESCO (2005),

[...] é por intermédio da educação que reside a esperança de formação de mentes verdadeiramente democráticas. Sob esse aspecto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos assinada em 1948, em seu artigo 26 estabelece que toda pessoa tem direito a educação. **A educação deve ter como objetivos o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais.** Ela deve promover a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e os grupos religiosos e raciais. Todavia, o desenvolvimento de uma cultura de paz por meio de amplo acesso ao conhecimento, só poderá ser atingido mediante um processo educacional que valorize o indivíduo em sua totalidade. A valorização do indivíduo, por sua vez, implica o reconhecimento do outro, que não pode ser concebido a priori como objeto, o que se-

ria uma forma de colonialismo. Em adição, acrescenta-se que, “como a solidariedade é uma forma de conhecimento que se obtém por via do reconhecimento do outro, o outro só pode ser reconhecido como produtor de conhecimento”, o que significa um profundo respeito aos saberes, à inteligência e à cultura do povo (WERTHEIN e CUNHA, 2005, p.12, grifo nosso).

Outrossim, foi através do processo de ampliação das liberdades das pessoas, com relação às suas capacidades e às oportunidades a seu dispor”<sup>1</sup>, que se impõe o destaque na formação integral do homem, na sua humanização e emancipação, conforme bem demonstra a figura abaixo:

**FIGURA 1 – Desenvolvimento humano**



**FONTE:** Atlas do Desenvolvimento Humano Brasil

<sup>1</sup> Disponível em:

[http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o\\_atlas/desenvolvimento\\_humano/](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/desenvolvimento_humano/)> Acesso em: 28 fev. 2018.

Aduz destacar que no sistema educativo de Cuba o empenho em uma formação integral gira não somente no currículo ou manuais didáticos, como também na conscientização dos professores, como precursores e responsáveis pela formação integral dos estudantes (LEITE, 2014).

En Cuba se reforman y adaptan continuamente los planes nacionales de estudio para ajustarlos a las realidades locales. Los profesores y alumnos desempeñan un papel activo y ayudan a la escuela a elaborar el material didáctico. Los profesores intercambian experiencias sobre métodos y materiales didácticos en colectivos pedagógicos, organizados por asignatura, cada uno de los cuales cuenta con el apoyo de un experto en metodología. Se espera de cada profesor que realice trabajos de investigación y los mejores resultados se comparten en conferencias municipales. Institutos especializados guían la investigación. La estrecha vinculación con la comunidad se traduce en visitas de los profesores a los hogares, sesiones de los alumnos para hacer los deberes [tres veces por semana], reuniones generales y otras actividades participativas. Tanto la formación inicial como de perfeccionamiento [de cinco y seis años, respectivamente] tienen como base la escuela, con una estrecha vinculación entre ésta y las instituciones de formación (UNESCO, 2005, p. 200).

Vale salientar, conforme Leite (2014, p. 318), que “a formação do professor como militante político, dentro da experiência que consolidou as bases do projeto societário cubano atual”.

Para viabilizar a superação das dicotomias existentes recorreu-se a formação do ser humano em uma perspectiva abrangente, segundo o marxismo, fundamentada no tripé básico da educação para todos, que corresponderia ao ensino intelectual (cultura geral), desenvolvimento físico (ginástica e esporte) e aprendizado profissional polivalente (técnico e científico) (LEITE, 2014, p. 324).

Para López (2011), Cuba demonstrou e tem demonstrado que é possível desenvolver uma educação com altos níveis de equidade, justiça e qualidade, ainda que enfrentando condições econômicas adversas. Isso se deve ao fato de que a educação sempre esteve entre as prioridades do Estado e de toda a sociedade. Desta feita, foram implementadas políticas educacionais cuja finalidade era garantir a educação do povo e a formação integral das novas gerações. Nesse empenho, o elemento-chave que permitiu aos cubanos seguir em frente foi a confiança infinita na justiça da obra educacional que estavam construindo, e na unidade do povo, que sempre existiu, para levar isso adiante.

### **Considerações: para não terminar...**

À guisa de conclusão, é imprescindível frisar que a revolução cubana deixou grandes e importantes lições para as atuais gerações de pessoas que almejam lutar e que buscam um referencial de emancipação a ser seguido. Ora, desde o início, tal revolução foi marcada pelo despertar das forças e coragem das massas populares que não suportavam mais a ditadura de Fulgêncio Batista.

Por isso, vê-se, desde sua origem, uma democracia fortemente estimulada, com a mobilização e a participação organizada das pessoas, conforme bem demonstrou o desenrolar da história. Verifica-se, logo nos primeiros anos, a vitoriosa campanha de alfabetização a partir de 1961: em pouquíssimo tempo erradicou-se o analfabetismo em Cuba, fato que contou com a contribuição de milhares de pessoas voluntárias.

### **Referências**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALONSO JR, Odir. “O processo revolucionário: 1953/1959” In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Revolução Cubana: História e Problemas Atuais**. São Paulo: Xamã, 1998.

AYERBE, Luis Fernando. **A revolução cubana**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cuba: do socialismo dependente ao capitalismo**. Brasília: Contexto Internacional, 1996. Disponível em: <[www.relnet.com.br](http://www.relnet.com.br)>. Acesso em: 03 fev. 2018.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. Os 50 anos da revolução cubana e sua projeção internacional. In: MONTEIRO, Adalberto (org.). **Cuba: 50 anos de revolução**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

CASTRO, Fidel. **A história me absolver**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

COGGIOLA, Osvaldo. **Revolução cubana: história e problemas atuais**. São Paulo: Xamã, 1998.

DEBRAY, Régis. **Revolução na Revolução**. Havana: Casa de las Américas, 1967

DOMÍNGUEZ, Estaban Morales. Variables fundamentales del conflicto Cuba-EUA em los umbrales del siglo XXI. **Análisis de Coyuntura**, La Habana, n. 11, p. 50-79, diciembre, 1998.

DURES; Bruno José Rodrigues; MATA, Iacy Maia. **Cuba, os afro-cubanos e a revolução: passado e presente**. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/280/253>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

LEITE, Maria do Carmo Caldas. A pedagogia na sociedade do açúcar: as raízes da educação cubana. 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. **Anais Eletrônicos...**, Florianópolis, UFSC, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT02-3625.pdf>> Acesso 26 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Uma análise do legado autóctone na educação cubana. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 59, p. 318 – 332, out 2014. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/690/showToc>> – Acesso em: 24 fev. 2018.

LÓPEZ, Raquel M. La redefinición de Cuba en el sistema internacional. In **Cena Internacional**, ano LX, n. 97, 2002.

LÓPES SEGRERA, Francisco. **Cuba cairá?** Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. Francisco. **A revolução cubana:** propostas, cenários e alternativas. Maringá: Eduem, 2012

LÓPEZ, Margarita Quintero. A educação em Cuba: seus fundamentos e desafios. **Revista Estudos Avançados**, v.25, n. 72, 2011 – Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n72/a06v25n72.pdf>> Acesso em: 28 fev. 2018.

MARTÍ, José. **Obras completa**. La Habana: Ciencias Sociales, 1975.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas, Edición Crítica**. La Havana: Centro de Estudios Martianos, 2011. Disponível em:

<[http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20160824043103/JOSE-MARTI\\_Tomo-02.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20160824043103/JOSE-MARTI_Tomo-02.pdf)> Acesso em: 24 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Esquema ideológico**. Editorial Cultura, 1961. Disponível em: <[https://pt.wikiquote.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Mart%C3%AD](https://pt.wikiquote.org/wiki/Jos%C3%A9_Mart%C3%AD)> Acesso em: 01 mar. 2018.

RIVEREND, Julio Le. Cuba: do semicolonialismo ao socialismo, 1933–1975. In: CASANOVA, Pablo G. **América Latina:** história de meio século,, UNB, 1990, p. 59–115.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução. In: PAULINO, José; MALANCHEN, Julia; CASTANHA, André Paulo (orgs.). **Pedagogia Histórico-Crítica, educação e revolução da revolução russa: 100 anos**. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 53-71.

SADER, Emir. **Cuba: um socialismo em construção**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Marco Antonio. **Cuba e a eterna Guerra Fria: isolamento ou reinserção?** 274 f. Tese (Doutorado em Integração da América Latina). Setor de Integração da América Latina, USP, 2006. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-11102012-115653/](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-11102012-115653/)> Acesso em: 03 mar. 2018.

SZULC, Tad. **Fidel: um retrato crítico**. Best Seller, 1987.

UNESCO. **Educación para todos, el imperativo de la calidad: informe de seguimento da la EPT em el mundo**. Paris: Organización de las Naciones Unidas, 2005.

WERTHEIN, Jorge e CUNHA, Célio da. Fundamentos da Nova Educação. **Cadernos UNESCO**. Série Educação. Vol.5. Brasília, fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129766por.pdf>> Acesso em: 01 mar. 2018.



